

Pesadelos de Marx, se estivesse vivo. Capitalismo: história sem fim?¹

Jorge Nóvoa

Se observarmos bem o mercado editorial brasileiro, particularmente no domínio das ciências sociais, o mínimo que teremos que concluir é que ele pode ser mais rico e diversificado. A repetição dos temas e dos autores é muito grande. É como se o público leitor estivesse fechado para novos autores. Não deixa de fazer certo sentido se percebermos que a ideia do “novo” nesse campo é sempre muito relativa. Mesmo nos setores mais críticos, não é fácil produzir ideias novas quando tudo parece pensado e dito. Contudo, se a imaginação humana faz parte da realidade e se a realidade é muito mais rica que a nossa vã filosofia, é dedutível o axioma de que a capacidade humana de representar o real, ainda que através de uma linguagem científica, não tem limites.

Dizer algo de novo para traçar uma nova abordagem para história do capitalismo, por exemplo, não é tarefa fácil. Se a ela se junta uma nova leitura da história do socialismo no século XX e da luta pela emancipação humana, a tarefa se torna ainda mais complexa. Mais difícil ainda será fazer isso colocando no centro da reflexão um teórico extremamente rico e complexo como Karl Marx, sem, contudo, repeti-lo pura e simplesmente. Poucos fazem isso. Denis Collin – que tem apenas artigos traduzidos para o português na revista *O Olho da História* e no livro *Incontornável Marx* e um livro intitulado *Compreender Marx* (Ed. Vozes, 2008)², além da promessa de publicação, do também seu, *Compreender Maquiavel* – conseguiu fazê-lo em dois dos seus últimos livros: em *Le cauchemar de Marx. Le capitalisme est-il une histoire sans fin?*, e no que apareceu em 2011, que tem um título também intrigante, *La longueur de la chaîne. Essai sur la liberté au XXIe siècle*. Não temos a menor sobra de dúvida que estas obras ajudariam àqueles que se preocupam com o futuro da história e com a emancipação no século XXI, de um modo mais genérico e transcendente, assim como de modo bem particular com a crise do capitalismo em curso. Ou seja, não pensa sobre a crise e sobre a prisão capitalista em abstrato, apenas como filósofo. Pensa também como cientista social e tudo isso com uma perspectiva engajada.

Estamos nos referindo, portanto, a um autor profundamente interessado naquilo que estuda, existencialmente e afetivamente. Collin entende serem seus estudos uma forma de intervenção política e não só científica. Mas seguramente não é um “religioso”, um crente absoluto. Ao contrário, leitor de Spinoza tem na dúvida permanente um método que não o concilia com nenhuma ortodoxia. Ele “confessa” já ter sido marxista – quantos não cometeram este “pecado” e quantos tiveram a coragem de “superá-lo”? –, mas admite repetindo seu mestre, o filósofo da economia Michel Henry que escreveu dois grandes tijolos sobre Marx, que para ele hoje o marxismo não passa do “conjunto de contrassensos ditos

¹ À Vito Letícia, como modesta homenagem à quem também é dedica todo este número de *O Olho da História*, ele que foi o primeiro a aceitar o projeto editorial em 1994 e que colaborou conosco desde seu primeiro número.

² Cf. o excelente estudo de Vito Letícia *Apreender Marx. Uma leitura crítica de Compreender Marx de Denis Collin*, que foi publicada no n. 14 da Revista *O Olho da História*.

sobre Marx". Collin reverencia também outro dos seus mestres, a saber, Jean-Marie Vincent que ajudou a fundar, dentre outras a revista *Variations – revue internationale de théorie critique*. Hoje admite apenas pertencer à "Escola de Marx". Suas referências são múltiplas, embora Marx seja o mais importante pensador de todos os tempos para ele. Collin é realmente um pensador que necessita tirar suas próprias conclusões sobre os fenômenos sobre os quais se debruça. Suas reflexões são originais e provocam inquietações, muito mais que certezas. Poderíamos dizer que ele nos traz os pesadelos da realidade e nos angustia, nas nossas certezas que sob o choque nos parecem vãs.

Uma de suas afirmações é que os diagnósticos de Marx e alguns dos seus prognósticos se confirmaram, mas aquela mais esperada que **a luta de classes empreendida pelos trabalhadores em geral - e tendo a classe operária como seu principal motor, levaria à passagem para o socialismo, não ocorreu**. É claro que, ao dizer isto, Collin não está querendo negar nem que a luta de classes tem existido, nem que revoltas e insurreições não tenham ocorrido. Não obstante, **não consegue mais aceitar a tese de que Outubro de 1917 tenha, de fato, inaugurado um processo que se transformou numa revolução socialista**. Para Collin, se tratou de uma insurreição armada anti-imperialista que derrubou o Czar Nicolau II, mas que não levou à construção de um verdadeiro estado socialista. As razões para ele são múltiplas e remontam ao processo anterior à eclosão da I Grande Guerra e **se encontram na integração da classe operária, especialmente a alemã, ao desenvolvimento do capitalismo e a ideologia dessa adaptação que constitui a substância do que denominamos de marxismo**. Diz-se que à véspera da I Guerra os socialdemocratas aceitam votar os créditos de guerra e que isto havia constituído a traição da classe operária. Em verdade, segundo Collin, não houve traição. **A socialdemocracia exprimiou não apenas os interesses da classe dominante alemã, mas também aqueles conscientes da classe operária**, embora, segundo entendemos, essa consciência se apresentasse de modo invertida em relação aos seus reais interesses estratégico como fenômeno ideológico.

Em *Le Cauchemar de Marx*, não tem a pretensão de realizar um balanço completo da obra de Marx, coisa à qual se aplicou de modo mais sistemático em *Comprendre Marx* e antes na sua tese de doutorado *La théorie de la connaissance chez Marx*. Mas ele procede a muitas remissões a passagens importantes do pensador alemão ou de seu parceiro científico e político que foi Engels. O que denomina propriamente de **o pesadelo de Marx tem ao fato de que, um momento "frágil" da teoria de Marx diz respeito ao caráter de sujeito revolucionário da classe dos "produtores associados"**. Um século e meio de história do movimento operário parece obrigar-nos a considerar a hipótese colliniana, por mais controvertida que possa ser sua leitura.

Muitos marxistas dizem que em Marx o estatuto de sujeito revolucionário recai apenas nos operários. Para Collin isso constitui um verdadeiro paradoxo, pois nos países onde a classe operária se mostrou mais "potente" e onde a denominada "condições objetivas" pareciam "maduras" para dar lugar a uma revolução socialista, a dominação capitalista permaneceu com muita estabilidade, e revoluções jamais ocorreram de fato. Os operários se adaptaram às lutas para melhorar a qualidade de vida no interior das estruturas

capitalistas aceitando os limites impostos por aqueles de seus dominantes, os capitalistas. Onde ocorreram revoluções a classe operária teve um papel secundário e os camponeses foram massa de manobra. A direção terminou na mão de seus “teóricos”, naquela da burocracia do estado e sindical, assim como na mão dos militares.

A denominada Revolução Russa não escapou totalmente a esta caracterização acima. A Revolução de Fevereiro foi uma revolução popular à qual se mesclou todas as camadas da sociedade. Os operários das grandes empresas (aqueles da rede Vyborg e os das gigantes Poutilov de Petrogrado), realmente tiveram um papel ativo, mas não necessariamente dirigente. Para Collin, Vladimir Lenin já havia teorizado em várias obras a leitura que fazia das particularidades da Rússia. O revolucionário russo concebia que a classe operária só poderia tomar o poder na Rússia através de um partido centralizado ao qual atribuía o eufemismo democrático. Mas, curiosamente, ele se referiu à classe operária russa como trade-uniste, do mesmo jeito que à classe operária europeia. Considerava-as incapazes de lutar pela abolição da propriedade privada dos meios de produção. Lenin adota uma perspectiva largamente semelhante à de Trotsky de que a revolução democrática deveria transitar à revolução socialista. Além disso, seria necessário que outras revoluções ocorressem de sorte a socorrer o país que de fato foi assediado e invadido pelas potências estrangeiras, tendo que fazer face às ofensivas contrarrevolucionárias internas e externas. Uma vez que a revolução não se estendeu aos outros países (ela foi esmagada na Alemanha em 1919 e em 1923) a atitude de Lenin foi de um pragmatismo moderado procurando construir um estado nacional, e logo ele entendeu que seria impossível tirar o socialismo do papel e da cabeça dos revolucionários através de golpes de força. Collin diz com clareza que,

É, portanto, vão, buscar numa espécie de pecado original do bolchevismo as origens da tirania estalinista. (...) o comunismo não poderia nascer da marcha forçada num país devastado pela guerra civil e estrangeira e a orientação da NEP, combinando a intervenção do Estado e o desenvolvimento do mercado interno poderia ter conduzido a outra coisa bem diferente que ao sistema estalinista que se instaurou através de uma guerra aberta contra a NEP. O regime “totalitário” estalinista se construiu somente nos anos 1929-1934, quando Stalin que defendia a NEP promoveu uma reviravolta, instaurando um plano de industrialização “à todo vapor” e a coletivização forçada à qual obriga milhões de vítimas.³

Portanto as aberrações do contrassenso dito “socialismo num só país” têm o peso das particularidades da Rússia naquela conjuntura, das particularidades e as desigualdades dos processos revolucionários na Rússia e na Europa, e das características das políticas assumidas em função da burocracia organizada na URSS (Partido, Estado e Governo) e da marca do caráter pessoal de Stalin.

Collin nos obriga a voltar à Marx, defendendo que no autor de *O Capital*, **não existia uma teoria consistente das classes sociais e nenhuma definição precisa da classe operária ou do chamado proletariado**. Talvez possamos avançar a hipótese aqui de que, as heranças do “antigo regime” na Europa eram múltiplas e socialmente ainda não havia ocorrido um processo de homogeneização das classes o que ele prognosticava possível. Todavia o que aconteceu depois foi de uma complexidade enorme do fenômeno das classes sociais que finalmente não tendeu a uma simplificação em torno da divisão capital e

³ Denis Collin. *Le cauchemar de Marx. Le capitalisme est-il une histoire sans fin ?* Paris, Max Milo, 2009, pp - 204

trabalho. Mas, no Marx já maduro e assim no *O Capital*, os verdadeiros sujeitos da revolução social são os “produtores associados” nos quais **se acham incluídos todos aqueles que exercem um papel positivo no processo produtivo e não apenas o produtor direto**, o operário. Marx via que o detentor dos meios de produção estava cada vez mais distante do processo produtivo e nem mesmo o papel de organizador e administrador era exercido pelo capitalista. Este diagnóstico último, em compensação se verificou de modo profundo hoje. Na época de Marx o capitalista pagava a outros para realizar suas tarefas. Para Collin o que foi dito acima é uma coisa. O que a socialdemocracia inventou foi totalmente outra coisa diferente. O poderoso partido socialista alemão disseminou a tese de que **sozinha a classe operária havia se tornado a classe revolucionária**. Para Collin esta foi a nova “religião” ou **a nova ideologia que a socialdemocracia fundou e passou a denominar de marxismo**.

No entanto, é como uma classe dominada que a classe operária é definida pela realidade realmente existente. O lugar social e objetivo na teia de relações sociais a define em primeira e em última instância. Como poderia ela se transformar em classe dominante? Trata-se de uma contradição em conceber, pois, uma ditadura do proletariado! Quase de modo imediato nos vem à cabeça a questão de saber se **afinal tem o projeto socialista bases reais**. Se os operários não podem construir o que se denominou ditadura do proletariado à qual Marx queria dar o conteúdo de uma república social a partir de sua leitura da experiência da Comuna de Paris, qual seria a base social do novo estado?

Para Collin **não existe um estágio supremo do capitalismo. Ele contesta o sentido dado a esta fórmula. Mudanças quantitativas não desembocam fatalmente numa mudança de qualidade que configure a antessala imediata do socialismo**. Às crises mais profundas do capitalismo até o presente se substituíram pelo estatismo e pelo monopolismo, por fases contrárias que atribuem um largo espaço à concorrência e à desregulamentação, fases de organização “concentradas” na dominação de um capitalismo hegemônico e fases policêntricas marcadas pelo confronto de muitas potências entre si, como a que verificamos hoje dominadas pela mundialização neoliberal. **A dinâmica do capitalismo leva ao socialismo como antessala do comunismo, mas não como um desenvolvimento natural**. A homogeneização de suas contradições pela centralização e concentração do capital ao enfrentar as crises, é contrariada por forças axífugas ao mesmo tempo produzindo novos problemas. Tais problemas colocam a humanidade diante de contradições ainda mais difíceis de serem resolvidas no interior do capitalismo, como por exemplo, a questão do meio ambiente. Os tempos da história social são superpostos pelos da história natural. Outro limite do capitalismo hoje é o esgotamento do “estoque” de saídas que as elites encontram e propõem. O domínio do capital fictício que insiste em reduzir a reprodução ampliada de capital à relação A-A’, se esgota no volume de mais-valia previamente existente que é transferida da propriedade de certos grupos de capitalistas para grupos. Se o capital para sobreviver necessita obter lucro e, portanto, de se reproduzir ampliadamente, como transformar, por exemplo, a emissão de moeda em mais-valor? A simplificação de uma operação fictícia que não pode prescindir do trabalho diretamente produtivo (e que não necessariamente tem que ser sempre realmente assalariado) mostra os

limites históricos do capital cada vez mais com maior clareza. Essa equação é o verdadeiro leitmotiv de todo detentor de dinheiro desde que o capital apareceu na história da humanidade bem antes do capitalismo e Marx previu suas consequências atualizadas hoje.

A mobilização de uma gama variada de camadas diferenciadas de “produtores associados” (segundo a fórmula de Marx) modifica taticamente e estrategicamente o projeto de sair do capitalismo e de construir o socialismo. Collin não desenvolve muito seu esquema explicativo, mas podemos deduzir que os sem-teto, os desabrigados, os desempregados, os economicamente inativos, os aposentados, a juventude estudantil, os sem-terra, ao lado dos pequenos camponeses, dos artesãos, dos pequenos proprietários, dos funcionários públicos, dos bancários, dos comerciantes, assim como também junto aos operários e assalariados em geral, constituem uma sólida plataforma para a transformação social e a expropriação dos expropriadores. Não seria a essa gama variada de agentes sociais que Marx denominou desde o Manifesto do Partido Comunista como proletários?

Le cauchemar de Marx tem muito mais ideias originais a sustentar e provocações de dúvidas. Nas suas mais de 300 páginas divididas em três partes na última delas intitulada “A saída do pesadelo: o comunismo, com e sem Marx”, **Collin defende que outro mundo é possível**. Para tal algumas teses do velho Marx precisam ser atualizadas, como por exemplo, a ideia do desenvolvimento ilimitado das forças produtivas sob o comunismo e a do desaparecimento do estado que Marx formulava utilizando a Saint-Simon através da ideia de que é necessário “passar do governo dos homens à administração das coisas”. Em Collin, para serem realizadas estas metas precisam passar pelo **fim do trabalho e do estado**. A isto Marx previu. O que ele não previu foi o prolongamento absurdo de tal sistema mundial. Estamos, pois, diante do problema de pensar a construção de outra sociedade que exige a supressão destas duas categorias precedentes, mas sem a possibilidade do desenvolvimento ilimitado das forças produtivas, coisa que Marx à sua época, não poderia conceber vez que, além do mais, na sua aposta, o capitalismo seria vencido antes de se poder imaginar o alcance de tamanho limite!

Collin não desenvolve em sua análise o complexo de totalidade das relações homens X homens X natureza, a não ser de modo genérico a partir de alguns exemplos. Mas, suas ideias parecem mais plausíveis, sobretudo quando se pensa que **há diferença nas mudanças na natureza daquelas que ocorrem na história humana**. Nesta **intervém um elemento radicalmente distinto que é a consciência** ou a capacidade cognitiva de examinar o passado, o presente e poder, em alguma medida, de antecipar o futuro, o que não é fácil, mesmo para os mais argutos observadores como Marx. Collin apenas toca nesse fenômeno da consciência social nesse livro e, portanto, para o desenvolvimento de sua hipótese ele parece decisivo. Se os operários alemães se integraram ao sistema de produção de mercadorias isto se deu, pelo menos, em última instância, a partir da assimilação da ideologia dominante.

A complexidade dos fenômenos é maior quando pensamos que existe o processo imanente de interferência da ideologia (que é uma forma de consciência estruturada e determinada social e historicamente) que não se resume à constituição da chamada falsa consciência. Existe, pois, um fenômeno de causa e efeito, de condicionamento ou mesmo de

determinação que media as relações sociais e as formas de consciência social. Através desse fenômeno a ideologia reproduz de modo invertido ao nível das consciências sociais e individuais a relação de causa e efeito dos fenômenos. É isso que explica que os operários prefiram as reformas que a revolução e que elas sejam feitas pelos representantes do capital. A ideologia dominante se reproduz assim nos mais diversos extratos humanos das formações socioeconômicas do sistema mundial. Ela se acha conectada às relações de dominação do capital e das classes proprietárias dos meios de produção. Elas produzem assim as formas de consciência sociais dominantes disseminadas pelas instituições as mais diversas e pelos meios de comunicação os mais diversos. São estes que reproduzem **as imagens dominantes fixadas como ideologia**. São eles que a generalizam e a tornam senso comum por meios diversos e das mídias atingindo os integrantes dos referidos estratos da população desde que eles são bebê. Collin se expressa assim sobre o fenômeno de inversão de causa e efeito realizado pela ideologia:

A ideia de que existe um bem comum e que a economia está ao serviço desse bem comum é radicalmente estranha vez que ele (o capital) repousa precisamente sobre a ideia de que não existe bem comum e os indivíduos que levam vidas separadas são, por natureza, rivais, rivalidade esta que precisa ser compatível com o princípio da propriedade privada dos meios de produção.⁴

As estruturas de longa duração são contempladas na análise de Collin e o tempo todo ele procura buscar as formas através das quais, na contemporaneidade – e em conjunturas diversas, inclusive nas mais atuais, tais estruturas fundamentais do modo de produção capitalista se atualizam, adquirindo diferenciações novas em relação à estrutura que Marx viu no século XIX e os marxistas viram no início e ao longo do século XX.

Uma das primeiras conclusões a que chega é que **a crise do sistema capitalista trouxe Marx novamente para o centro do debate e com força, muito embora, efetivamente, sua influência seja marginal**. Todavia, no lugar de tornar Marx um *deus ex machina*, Collin prefere localizar em seu pensamento e em sua obra, não apenas os seus inúmeros acertos, como também aspectos que inevitavelmente precisam ser confrontados com a história de mais de 150 anos de capitalismo e de lutas e transformações sociais. Nessa atualização, o autor busca as transformações que surgiram ou foram introduzidas ao longo da contemporaneidade que provocaram novas alterações, acréscimos, correções, enfim, as consequências dos recentes “progressos” e crescimentos alcançados que obrigam ao pesquisador a um esforço considerável de re-apropriação de uma teoria tão rica e complexa como a de Marx. A re-apropriação que persegue, quer auxiliar a completar lacunas, descontinuidades, hiatos, visando a contribuição à crítica da lógica da reprodução do capital através dos deslindamentos de processos e fatos mais recentes e sua inserção nessa lógica geral implementada pela estrutura mais duradoura.

Mas não nos enganemos: para Collin **não se trata de renunciar ao legado de Marx, nem ao projeto de emancipação humana**. Collin se reconhece como integrante da “Escola” de Marx acreditando por suas próprias reflexões que o pensador alemão produziu um pensamento vivo, dinâmico, imperfeito e incompleto, embora seja o mais genial dos

⁴ Op, cit., 2009, p. 89

pensadores. Suas palavras na Introdução não são menos fortes. Ironiza os pensadores oficiais que se precipitam a cravar os últimos pregos no caixão de Marx, lembrando que há muito tempo se pretende fazer o enterro definitivo de Marx. Mas este ressurgue sempre, como um Sísifo, das cinzas. Com a crise americana dos *subprimes* de 2007 - cuja causa é atribuída por muitos apenas às extravagâncias de muitos financistas e capitalistas pervertidos, a teoria de Marx foi colocada, entretanto, à margem das explicações e dos debates dos grandes círculos e dos círculos acadêmicos. Nas universidades o tratamento que lhe é dispensado na maioria dos casos é impressionante, mesmo no caso daqueles pensadores inteligentes. Foucault em *As palavras e as coisas* finaliza seu livro afirmando que "Marx bem que poderia desaparecer como no horizonte do mar como uma miragem de areia". Porém Collin sustenta que

Se Marx, figura tutelar do marxismo desaparece, já não é sem tempo de se perceber que não existe pensador, no domínio das ciências sociais e históricas que tenha desenhado com mais perspicácia que ele as grandes linhas do futuro que é o nosso presente. Se o critério das ciências é a verificação experimental das previsões deduzidas da teoria, Marx passa nesse teste de modo impar. A teoria marxiana do modo de produção capitalista é, sem nenhuma dúvida, o que foi produzido de mais científico em matéria de teoria social-histórica. Contrariamente ao que repetem os que pretendem refutar Marx sem o haver lido, no essencial as previsões deduzidas das análises do *O Capital* foram validadas. O mundo que Marx havia desenhado é nossa realidade ou está se tornando sob nossos olhos⁵.

As previsões de Marx que mais se tornaram realidade são aquelas que tornam o nosso presente, em muitos aspectos, desesperante. As crises do modo de produção capitalista têm revolucionado as formas de reprodução do capital e da apropriação do lucro-fetichismo, sem, contudo desabar - até o presente momento, numa crise geral, total e definitiva na qual pelas suas tendências espontâneas e imanentes, seu desaparecimento ocorreria abrindo a via para a expropriação dos expropriadores e para uma nova sociedade na qual a associação livre dos produtores daria lugar ao comunismo. Marx via nas sociedades por ações e as fusões crescentes dos capitais dos bancos com aqueles das empresas produtivas e outras, a prova de que o modo de produção capitalista deve suplantar permanentemente seus limites rígidos estabelecidos pela propriedade privada dos meios de produção. Chegamos hoje a uma situação na qual as sociedades por ações, os fundos de investimentos, **a gigantesca especulação mundial já não mais sobre lucros reais, mas sobre aqueles lucros que estão por vir**, os "títulos podres" e toda uma gama quase infinita de criação de operações fictícias, verdadeiras piruetas, que é também, ao mesmo tempo, **o desespero do capital por ultrapassar as próprias barreiras impostas pelas relações capitalistas de produção**. É como se fosse possível uma espécie de "socialização" dos grandes e pelo alto que incorpora uma franja de executivos recrutados em camadas distintas da população, em geral nas camadas mais altas e nas chamadas classes médias, para exercer papéis dirigentes, administrativos e trabalhos de aplicações extremamente especializadas de capitais acumulados pelos grandes capitalistas multinacionais e multi-setorizados. Sem dúvida esses não estão incluídos na noção elaborada por Marx de "produtores associados", mais raramente o recrutamento ocorre em setores mais baixos da população.

⁵ Idem, p. 11

Suas últimas palavras em *O pesadelo de Marx* constroem a seguinte imagem:

Se o comunismo é quase tão velho como a história humana escrita, não existe nenhuma razão para se pensar que as aspirações humanas que ele exprime se apagarão definitivamente. No momento no qual as certezas concernentes ao fim liberal da história se evaporam seriamente, não é nada mal que Karl Marx retorne para obsedar as noites dos capitalistas e poderosos⁶.

O estágio que se vive hoje sob o capitalismo mundial é dominado pelo capital fictício transformado em lucro e pelo fetichismo do dinheiro que substitui cada vez mais o fetichismo da mercadoria real. Esta se vê obrigada a guardar cada vez menos valor de uso. Por isso também ao grande capitalista obseda compulsivamente o fetichismo do dinheiro como se este detivesse o poder mágico de se auto engendrar e como se ele fosse não a expressão do valor no mercado, mas se ele o próprio valor! Se a crítica radical do valor é aquela que se coloca como correta cientificamente e politicamente, desde a época de Marx essa nuance conceitual pôde introduzir consequências práticas não desprezíveis que talvez possam explicar porque os movimentos sociais dos Indignados e o *Ocuppy Wall Street*, intuitivamente, reconhecem nas oligarquias financeiras do capital mundial, as causas de suas misérias e usam a bandeira da democracia como se, a melhor defesa da vida no planeta, hoje, pudesse fazer abstração da necessidade da socialização dos meios de produção. Na verdade esta compreensão última para ser consequente só pode colocar a bandeira da democracia como transitória ou o que é equivalente, não como um fim em si mesmo. Se a república social que se pretende for a expressão jurídico-política da instituição de uma nova ordem social na qual os trabalhadores todos se emancipam do capital constituindo uma sociedade de produtores livres ou uma associação mundial livre para a produção de valores de uso, pouco importa o nome que demos a ela.

Collin não adota mais as doutrinas do suposto **materialismo histórico** e muito menos a de um suposto **materialismo dialético**. Como integrante da “escola” de Marx parte da necessidade de compreender e explicar o mundo como atividade transformativa. E hoje, mais que nunca, a necessidade de emancipar os homens é ao mesmo tempo uma necessidade de emancipa-lo do trabalho e do capital. Se na época de Marx ele aspirou à necessidade do desenvolvimento ilimitado das forças produtivas como um patamar incontornável para a elevação de uma sociedade socialista e mais ainda comunista, é possível dizer que o capitalismo já realizou este patamar. Se pensarmos que somente a produção agrícola americana é capaz de produzir para 10 vezes a população do planeta, podemos compreender o caráter não apenas destruidor de forças produtivas que o capitalismo engendrou, assim como também ao gigantesco desperdício e destruição de valores de uso à que ele insiste de colocar à venda sob a forma de mercadoria. As relações privadas de apropriação dessa riqueza sob a base das relações capitalistas de produção, não somente estão impedindo a real socialização de seus valores de uso, como os estão dilapidando perdulariamente, inclusive pelo esvaziamento da quantidade de valor real que negativamente cada produto encerra cada vez menos hoje como função da luta capitalista

⁶ COLLIN, Denis. Le cauchemar de Marx. Le capitalisme est-il une histoire sans fin? Paris, Max-Milo, 2009, p. 304

para contrariar a queda tendencial da taxa média de lucro fruto da concorrência intercapitalista.

Nesse sentido, Collin considera que a palavra trabalho não por acaso se acha ligada etimologicamente ao significado da escravidão e que é um equívoco absurdo transformar Marx num apóstolo de uma suposta virtude humana ligada ao trabalho. Nem todo trabalho é criativo e emancipador. Sob o jugo do capital, é o contrário que é o dominante. O trabalho emancipado deixa de ser explorado, alienado e massificante para ser fonte de prazer e liberdade. Se não vamos deixar de trabalhar num outro modo de produção é porque ele, o trabalho assumirá outra significação social e histórica.

Collin produz uma leitura diferenciada da atualização de Marx e da própria realidade da decadência do capitalismo. Isto é o mínimo que podemos dizer sobre duas obras importantes suas que são o seu *Théorie de la connaissance chez Marx* e o *Compreender Marx* que já citamos. Sobre a leitura exaustiva de questões que Collin suscitou e abordou nas páginas de seu *Compreender Marx* realizada por Vito Letícia, este se refere a ela da seguinte maneira:

Denis Collin é certamente **o melhor analista do conjunto da obra de Marx, disponível no momento** (g.n.), por várias razões, a principal sendo seu envolvimento pessoal no movimento social que está numa linha geral de continuidade com as lutas travadas por Marx no século XIX, pois Collin é um inconformado com o princípio de injustiça que está na base da sociedade capitalista. Outro ponto a seu favor é seu olhar crítico sobre a interpretação ortodoxa dos seguidores da linha de pensamento traçada na antiga União Soviética, respaldado por uma vasta cultura filosófica. Esse ponto de vista leva Collin a opor frontalmente o pensamento de Marx ao que ele chama de “marxismo”, cujos principais elementos vai percorrendo ao longo do livro.⁷

É esta mesma perspectiva que precisamos adotar na leitura de *Le cauchemar de Marx* assim como em relação ao conjunto de suas obras não apenas por dever de ofício, mas também por necessidade social.

⁷ Op. cit. <http://oolhodahistoria.org/n14/artigos/vitol.pdf>